



## **GT 29. Diálogos nas fronteiras: a Educação e a Escola como objetos de investigação na Antropologia.**

### **Coordenador(es):**

Sandra de Fátima Pereira Tosta (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

Gilmar Rocha (UFF - Universidade Federal Fluminense)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** Anderson Tibau (UFF - Universidade Federal Fluminense)

### **Sessão 2**

**Debatedor/a:** Tânia Dauster Magalhães e Silva (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Os debates entre Antropologia e Educação vem sendo realizados desde os anos de 1990 em fóruns científicos no Brasil e no exterior, tendo como referências pesquisas que apresentam as várias possibilidades e desafios da produção científica em perspectiva interdisciplinar e comparada. Uma proposição é clara na delimitação destes debates, qual seja, a de entender o fenômeno da educação não apenas em termos escolares, mas como um processo que remete às aprendizagens nas culturas. Eventos tais como IUAES, RBA, RAM, ALA, têm acolhido estes debates por meio de gts, mesas redondas, simpósios etc. Num rápido balanço das abordagens contempladas nestes eventos e nas publicações que circulam no meio acadêmico, destacam-se: usos da etnografia na pesquisa educacional, o ensino da antropologia para não antropólogos, escola, diferença e diversidade cultural, educação indígena e as pedagogias diferenciadas. Contudo, uma dimensão ainda pouco explorada diz respeito à seguinte problematização: quando antropólogos elegem como tema de investigação questões relacionadas à educação, de que modos isto se configura? Uso de metodologias do tipo estudo de caso, história de vida etc, além da etnografia, e, teoricamente, quais os autores que deram suporte ou dialogaram com o campo? Assim, este GT objetiva reunir antropólogos do Brasil e do exterior que pesquisam fenômenos educacionais a fim de promover uma ampla exposição e debate visando o aprofundamento da compreensão destes diálogos interdisciplinares.

### **Uma abordagem antropológica das políticas públicas de enfrentamento à violência na escola municipal do Recife**

**Autoria:** Warná Vieira Rodrigues (Secretaria de Educação)

Esse work se inscreve numa linha de reflexão que explora o uso da pesquisa etnográfica com objetivo de analisar o processo real das políticas públicas de enfrentamento à violência na escola da Rede Municipal de Ensino do Recife. As ações do Estado acontecem em múltiplos níveis de ação e decisão, em todas essas instâncias percebemos que se por um lado temos a lógica e intenções de ações do Estado na perspectiva de intervir numa realidade social, por outro lado, temos saberes, práticas e autonomia frente a essas intervenções que são postas a partir das múltiplas interpretações e estratégias estabelecidas pelos atores sociais envolvidos no cotidiano da escola. Portanto, a forma como esses atores pensam e agem sobre isso, seu impacto e implicações, são as dinâmicas do processo real. As observações iniciais realizadas contribuíram na composição do cenário da pesquisa etnográfica. O circuito das dinâmicas das discussões e ações de combate à violência no espaço escolar políticas públicas seguem uma certa representação espacial. O campo de foi enquadrado em três esferas específicas: a Escola, o Conselho escolar e a Secretaria de Educação e as Secretarias parceiras. As primeiras observações e entrevistas foram realizadas na escola indicada pelos técnicos como uma unidade preocupante, portanto, unidade com maior número de ocorrências



de programas, projetos e ações de enfrentamento à violência. Além do espaço escolar, foram realizadas pesquisa etnográfica nos espaços onde estão previstas atividades de enfrentamento à violência escolar: formação para professor e gestor; eventos com estudantes; palestras com pais, reuniões com os agentes do governo, entre outras. As primeiras análises dos dados provenientes das situações no ambiente escolar e das entrevistas com os atores sociais de diversas instâncias da Secretaria de Educação apontam para uma decalagem entre o conceito de violência forjado pelos agentes estatais, posto nas políticas públicas, e os fenômenos sociais denominados e identificados como violência na escola pelos atores sociais. Se uso está atrelado a um sistema de classificação hierárquica e de atribuição de valor negativo na identificação de bairro da cidade onde as escolas estão localizadas. No cotidiano da escola, a violência é uma construção social, passível de negociação, fazendo parte do processo de sociabilidade humana. Pois, não se trata de pensar em relações sociais estáticas, mas de considerá-las sempre em desenvolvimento, nem tampouco considerar ações sociais como individuais, o indivíduo se encontra inscrito em uma rede de relações nas quais reconfiguram conceitos complexos como o de violência e escola.

[Trabalho completo](#)



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: